

Amor e morte: a vida urgente de Soledad Rosas

Vera Maria Chalmers¹

O livro do jornalista e escritor, Martín Caparrós, *Amor y Anarquía, La vida urgente de Soledad Rosas- 1974-1998*, publicado em 2003, em Buenos Aires, pela editora Planeta, relata a breve e intensa vida juvenil da portenha Soledad Rosas. O livro, um relato jornalístico mesclado de aspectos ficcionais, fundamenta-se em depoimentos orais de diversas testemunhas da vivência nos limites da marginalidade da jovem Sol e em depoimentos e documentos colhidos pelo autor nos anais do processo judicial, bem como nos arquivos pessoais de Marc Ferrer. Ao dar a palavra, no discurso indireto livre, aos diversos testemunhos, como ao da família, os amigos de escola, os amigos da Praça Las Heras e os ocupantes da Casa do Asilo e de outros meios anarco-individualistas de Turim, a narrativa apresenta uma multiplicidade de vozes narrativas. A qual confere a verossimilhança ao relato biográfico. Além das intervenções do narrador, que às vezes relata na terceira pessoa e assume, assim, uma pretensa imparcialidade, a qual é desmentida pelas interferências dos comentários que pontuam a narrativa da ação, os quais traem a simpatia do autor pela biografada. A fragmentação do discurso, a qual desloca frequentemente o ponto de vista da narrativa, provoca certa indecisão e dispersão, notadamente na narrativa da adolescência de Soledad Rosas em Buenos Aires. Já a narrativa da experiência vivida por ela em Turim, no meio dos *okupas* é mais concisa e densa e apresenta mais unidade, fundamentada talvez nos arquivos de Marc Ferrer. À parte final, volta a Buenos Aires e retoma a construção descosturada e descontínua do início do livro. Ao final, a narrativa termina em suspenso, e os comentários do narrador não julgam a matéria tratada.

O livro de Caparrós ao compor a biografia de Soledad Rosas inscreve-se na tradição da narrativa de processo judiciário, o qual é um gênero recorrente e importante na literatura e na imprensa de cunho anarquista. Talvez, por esse

1 DTL-IEL-Unicamp

motivo, o relato da perseguição, da prisão e do processo em Turim seja a parte construída com mais cuidado pelo jornalista e escritor. A montagem dos fatos feita pela autoridade policial, a repercussão na cidade italiana da figura dos *Lobos Grises* e de sua atuação no Vale de Susa, e a argumentação da acusação, bem como a da defesa, constituem as sequências da narrativa do processo judicial. As manifestações dos *squatters* em apoio aos presos políticos, as ações de protesto dos anarco-punks, a resistência na prisão dos detidos e o suicídio logo depois de Edoardo e de Soledad, instituem o bloco narrativo da resistência anarco-individualista, que se soma à narrativa do processo e compõe um desdobramento da ação do processo judiciário, o qual é uma contribuição para o relato da tradição da literatura e da imprensa anarquistas. A descrição do meio dos ocupantes de casas vazias e de seu modo de vida, o relato do seu cotidiano, aumenta o interesse da biografia e acrescentam um episódio ao cânone tradicional. A vida comunitária da Casa Ocupada do Asilo, regida pela autogestão, é uma experiência libertária urbana original, ainda não retratada em livro, que se diferencia da experiência de comunidades rurais, tais como a da Colônia Cecília, no Brasil monárquico, narrada em livro. A experiência dos *okupas* europeus, que no final da década de noventa do século passado se disseminavam pela Europa, ainda não foi relatada pela ficção em livro. A história de Soledad Rosas traz a vivência anarquista individualista em comunidade de autogestão para o centro de interesse da reportagem de Caparrós. A história dos *okupas* anarco-individualistas e anarco-punks é parte de uma cultura não apenas política, mas de experiência de vida pessoal e comunitária, a qual abrange um âmbito muito mais amplo dos *mores* da juventude do século passado, que se expressava musicalmente através do *rock* e das festas abertas a um grande público irrestrito. Um dos temas fundamentais desta experiência é o *amor-livre* tal como concebido pelos libertários, a livre escolha dos parceiros e a união emancipada das convenções do casamento burguês. Soledad une-se a Andrea, vulgo *Tarzan* na Casa do Asilo. Outro tema da convivência dos *okupas* é o exercício da liberdade individual em sua expressão mais radical, a inexistência de hierarquia nas relações interpessoais e a inconstância da vida em grupo. A associação em grupo é transitória e elegida. Os *okupas* vivem à margem da sociedade de consumo, produzida pela sociedade industrial moderna globalizada e inscrevem-se no âmbito largo da contracultura juvenil.

A montagem do processo contra Soledad Rosas e seus dois companheiros envolvem-nos na trama política dos assim chamados ecoterroristas do grupo, jamais identificados, dos *Lobos Grises*, responsáveis pelos atentados no vale de Susa contra a construção da linha férrea de alta velocidade da TAV. Soledad, em âmbito privado, cuida da horta da casa ocupada, é naturalista e vegetariana, preocupa-se com a natureza, contra as agressões da ganância capitalista e cuida da defesa dos animais. A prática da *yoga* e a alimentação natural são parte da cultura marginal ao pensamento único do mundo globalizado e dizem

respeito ao âmbito largo da contracultura do final do século passado. Os *okupas* de Turim imprimem um conteúdo político-cultural e se interrogam sobre uma prática política a respeito do tema, do que chamamos hoje de defesa do meio ambiente, plataforma política burguesa. No final dos anos noventa, a ação direta é a resposta dos anarco-individualistas à sociedade turinense. A bomba de tinta rosa com um dispositivo detonador, jogada contra o prédio da Municipalidade de Turim, é a única prova concreta em todo o processo-crime contra Soledad Rosas e seus dois companheiros da Casa de Collegno, e rende a Silvano Pelissero, o único sobrevivente do grupo, uma pena de três anos de reclusão. Mas o processo de incriminação a que os submetem até o julgamento é enorme, pesado, condenados *a priori* pela imprensa italiana e pela opinião pública turinense, e acaba em tragédia, com a morte de Edoardo na prisão de La Valette, e de Soledad, na Casa de Sottoiponti, prisão domiciliar de Soledad.

A trama romanesca entre Soledad Rosas e Eduardo Massari, o Baleno, é tecida com os fios da malha da novela policial contemporânea, na qual se enreda o crime político. A atmosfera sufocante do *bas-fond* portenho da novela policial é substituído pela ruidosa alegria do ambiente anarquista dos *okupas*, que vivem à margem do *establishment* turinense. Muito embora, alguma coisa da atmosfera do *lunfardo*, que sombreia a relação adolescente de Soledad e Gabriel Zoppi se projete sobre o casal de Turim. Soledad viveu com Gabriel um romance no qual repercutia uma atmosfera de tango revisitado, do baixo mundo juvenil. Conheceram-se na praça Las Heras, onde se reuniam os jovens rebeldes, drogados e *drop outs*. A relação era tempestuosa e podia às vezes, chegar à agressão física. Soledad apanhava e culpava-se de sua origem pequeno-burguesa diante da inferioridade social de Gabriel, que era dependente químico. Soledad ganhava dinheiro passeando com cachorros, o que lhe rendia o sustento e o vício de Gabriel. A reconstrução do amor bandido de Soledad em Buenos Aires apresenta recursos de ficção e certa filiação à literatura anticanônica. A linguagem é atravessada pela gíria juvenil e por palavrões, o que produz o rebaixamento do coloquialismo portenho. A pretensão literária se percebe nos relatos dos personagens-testemunhas, como Sole Vieja que se permite ler a mente de Soledad Rosas adolescente na tentativa de compreender a relação entre Soledad e Gabriel. Na sua interpretação do comportamento de Soledad aparece o tema da baixa autoestima, que explicaria sua “caída” à margem: Soledad não reconhecia sua imagem de beleza e conformidade. Já aos dezoito anos ela era “outra” jovem, ainda não tinha ideias políticas, mas mergulhava na alteridade. Soledad porém não se vitimiza, o que diferencia a personagem juvenil, recriada pelos narradores-testemunhas e pelo narrador onisciente, da prostituta decaída da novela popular puxada ao ritmo do tango. Soledad não se prostitui e não se rende à sociedade de consumo de Buenos Aires. A novela policial do baixo mundo portenho muda de inflexão no relato híbrido de Caparrós.

Soledad Rosas conheceu Edoardo Massari, apelidado de Baleno, na casa ocupada da via Alesandria, chamada o Asilo, antigo prédio de uma escola infantil. Ela chegou à casa junto com Sole Vieja, sua companheira de viagem, logo no seu desembarque em Turim. Chegou a uma casa ocupada por acaso, não por escolha deliberada. Não tinha qualquer informação sobre o movimento dos *okupas* europeus. A porta estava aberta e elas entraram, sem apresentação alguma. Logo se explicaram e foram recebidas, lhes deram colchões e cobertas para dormir. Ali ficaram a esmo, reconhecendo o lugar e seus moradores. Sem qualquer iniciação política, Soledad foi se encantando com o modo de vida da casa. Não havia rotina nem comando, a individualidade de cada um era respeitada rigorosamente. As refeições improvisavam-se, assim como a limpeza e as atividades de caráter cultural, tais como concertos de *rock*, pichações de muros, redação de manifestos, reuniões de protesto frente à cadeia de Le Valette. Soledad foi se entrosando e conhecendo os moradores. A casa vivia em constante movimento de entra e sai de pessoas, as mais diferentes, entre anarcos, *punks*, *okupas* de outras casas, em festas que reuniam os jovens em estado de rebeldia, em constante instabilidade. Os três meses do visto de turista iam se esgotando, e Soledad não pretendia voltar à Argentina. Neste meio tempo conheceu e namorou Andrea, praticava pequenos furtos no mercado para alimentarem-se, pois a norma da casa era eliminar o dinheiro nas relações interpessoais, como forma de resistência à sociedade de consumo. O casal se dividia sobre a questão do roubo. “A propriedade é um roubo”, já dizia Proudhon, mas Andrea não gostava da ação direta de Soledad. A relação deteriorou-se, e o casal se separou. As discussões destes seguidores de Stirner aconteciam com frequência, debatiam suas ideias e bastava, na votação de alguma proposta, apenas um voto contra para invalidar um projeto de ação coletivo.

De acordo com Skizzo, apelido de Mario Frisetti, mentor dos *okupas* europeus anteriores aos “anos de chumbo” da repressão política na Itália, as palavras de ordem dos *squatters* eram liberdade e alegria. As ações dos grupos eram diversificadas e não massivas e tinham muito do irrisório dadaísta, publicavam uma revista intitulada *Selavi*, segundo o cognome *Rose Selavie* de Marcel Duchamp. A ironia estava sempre presente em suas manifestações de caráter político-cultural. As formas de combate não copiavam o anarco-sindicalismo, mas a violência podia estar presente em suas ações de rua. O movimento era essencialmente urbano e nem tão pacífico. Mas o cômico pode ter esta capacidade de inverter as relações de hierarquia e poder, como nos ensina Bakhtine. Ao retomar, nos anos noventa, o movimento dos *okupas*, os anarco-individualistas, os *punks* e os *squatters*, que se aproximavam dos remanescentes do movimento *hippie*, punham novamente em ação certa carnavalização da ação política. Mas no interior da cultura jovem, os anarco-*punks* afirmavam sua diferença quanto ao movimento *hippie* pelo comprometimento com ideias de caráter político individualista. Mas o surgimento de uma cultura jovem nos anos

sessenta resulta da luta contra a guerra do Vietnam. A origem do movimento dos *squatters* é, portanto, política. Mas a crítica que a eles faziam os anarco-individualistas era a de criarem para si uma utopia à parte, um “jardim fechado” imune à sociedade industrial moderna. Em Turim, apesar das desocupações feitas pela polícia, o governo de centro-esquerda tolerava, até certo ponto, a incômoda vizinhança dos *okupas*, numa sociedade fechada e tradicional. Porém, sede da Fiat, e afeita à luta sindical dos trabalhadores da indústria italiana, de longa tradição de combate. Os anarco-individualistas de Turim jamais abraçaram a causa dos sindicalistas comunistas ou anarquistas. Eles faziam ações frente às prisões a favor dos presos, mas não distinguiam entre os prisioneiros comuns e os políticos. Sua luta era pela liberdade do indivíduo contra o cerceamento da sua livre expressão pela sociedade de massa.

A “*Bella Vita*”, como a chamavam os *okupas* italianos, pregava a gratuidade como prática cotidiana de vida. A sua atividade opunha-se à concepção capitalista da acumulação do dinheiro, à qual contrapunham uma noção antropológica de cultura, da posse contra a propriedade. O ideário anarco-individualista admitia o prazer na vida cotidiana. Soledad busca o prazer na sua convivência com o grupo anarco do Asilo. Mas a eleição dos seus parceiros, na narrativa de Caparrós, parece guiar-se menos pelo prazer sexual que pela atração por tipos que se destacavam por sua singularidade. Como o taciturno Andrea, seu companheiro dos primeiros tempos, cujo recolhimento sobressaía em meio ao alvoroço do Asilo; ou, tempos depois, na Casa de Collegno a radicalidade de Baleno nas reuniões, nas quais se debatiam as questões da comunidade da Casa Ocupada ou da ação externa. Depois da ruptura com Andrea, Soledad aproxima-se cada vez mais de Edoardo, o Baleno, e vai “endurecendo” nas suas posições, de acordo com o testemunho de alguns antigos companheiros do Asilo, recolhido pelo narrador. Ao mesmo tempo em que sua relação com Baleno se estreita, o seu visto de turista vence e é preciso fazer alguma coisa a respeito. Decide-se então pelo casamento, para obter a residência, com um outro companheiro, Luca Bruno, em vez de Baleno, para não misturar interesse matrimonial à relação de amor livre. O casamento, em 26 de fevereiro, é uma farsa e é celebrado como uma comédia frente à autoridade do cartório civil. Os dois casais, Luca Bruno e sua companheira Ita, e Soledad e Baleno, divertem-se com a troca farsesca de casais.

Soledad mudara-se do Asilo, em princípios de outubro, para uma casa desocupada recentemente por um grupo anarco. Neste momento, já se esboçava uma crítica entre os anarquistas de Turim a respeito da ocupação como uma ação consentida e, portanto, de certo modo, desacreditada como forma de luta. Ao decidir permanecer na Itália, a mudança parece ser um novo começo de vida para Soledad. Ela deixa o Asilo para instalar-se na Casa de Collegno com uma amiga. A nova Casa, no entanto, prenuncia uma fatalidade para Soledad. A Casa Ocupada havia sido a morgue do manicômio de Collegno. A

sala dos mortos era uma câmara fria, onde se guardavam os corpos dos mortos. Soledad impunha-se a tarefa de transformar o lugar sinistro numa casa habitável. Apesar dos esforços, a casa não atraía outros ocupantes, tornou-se apenas um lugar de passagem, onde as pessoas não permaneciam. Havia uma atmosfera lúgubre no lugar, apesar das transformações que Soledad e depois Baleno e Silvano empreendiam: biblioteca, sala de concertos, sala de som e vídeo. A casa era muito vigiada pela polícia local, por ser afastada do centro de Turim. Em janeiro e fevereiro tratavam de viver o cotidiano de uma Casa Ocupada, abasteciam-se de graça no Mercado Porta Palazzo, local de reunião de desocupados, *drop outs*, *freaks*, anarcos e punks. Quando Soledad e Edoardo formaram um casal, a vida em comunidade se transformou. O casal seguia uma rigorosa dieta vegetariana e na sua busca de purificação faziam greve de silêncio entre si, para experimentar outras formas de comunicação, além da palavra. Neste meio tempo, Silvano começou a sentir que eram muito vigiados ou, pior, seguidos. Silvano e Edoardo eram mais velhos que Soledad e já tinham uma vida de militância, pela qual já tinham sido presos. Começa para Soledad uma expiação ainda não pressentida pela sua ânsia de liberdade anticonvencional.

Baleno promete a Soledad um presente pelo Dia dos Namorados, estourar um caixa automático. A partir desse momento esta passa a ser uma história policial, afirma o narrador. Estes dias de fevereiro, no carro de Edoardo, os planos mirabolantes faziam-se e se desfaziam, mas não chegavam a concretizar-se, era uma espécie de jogo amoroso entre o casal. Às vezes, Silvano contribuía com a fanfarronice, mas não sabiam que havia uma escuta instalada no Volkswagen de Edoardo. A investigação sobre o Vale de Susa já começara e montava-se uma implicação dos *okupas* de Collegno com as ações dos *Lobos Grises*. A parafernália de escuta e vigilância e o contingente mobilizado eram enormes para os indícios apresentados pelos *okupas* canastrões: os diálogos gravados e a vida cotidiana fora das normas convencionais. Os diálogos em discurso direto parecem ser, nas palavras do narrador, a reprodução da escuta dos arquivos policiais. Até que Edoardo se inspirou, teve a ideia de produzir um explosivo que espalhasse uma tinta vermelha, desde que não fizesse mal a ninguém completou Soledad. A transcrição da gravação continua, com interrupções, até que Soledad parece aplaudir a explosão. Os investigadores imediatamente rumam para a esquina de Cavalli com via Casalis e constataam uma mancha de tinta vermelha na parede do prédio ali situado, mas não efetuam prisão. Quatro noites depois, os três companheiros seguiam discutindo sobre seu artefato a cores. As discussões na Casa de Collegno continuam acaloradas e verborágicas, apesar da suspeita de escuta. Mas nenhuma ação resulta dessa escuta, apesar da vigilância. O narrador se pergunta sobre a razão de tamanha mobilização policial, diante de tão pouca evidência. Talvez a constituição de provas num processo criminal.

Naquela manhã Soledad foi encaminhada para o parlatório da prisão, onde a esperava Luca Bruno para dar-lhe a notícia da morte de Baleno. A reação de Soledad foi de extremo desamparo e desespero, ela gritava pelo abandono de Edoardo, deixando-a sozinha e não compreendia seu gesto. Depois pediu para ver o corpo e acompanhar o funeral. Deixaram-na ver o corpo, mas foi impedida de acompanhar o funeral. Mas na saída do Instituto de Medicina Legal, escoltada por policiais, fez para a imprensa o gesto obsceno de *fuck you*, que repercutiu no mundo inteiro. Era um gesto de amor e enfrentamento, fê-lo pelo seu homem. A sua história de amor de apenas dois meses era intensa, e a correspondência entre o casal na prisão é o ponto de epifania dessa história de paixão; o ponto alto de onde se descortina toda a narrativa revelando toda sua significação. A correspondência amorosa entre os jovens anarco, enxertada na narrativa dos acontecimentos do Vale de Susa, ressignifica um gênero epistolário tradicional, do ponto de vista da modernidade. A paixão amorosa de Soledad envolve profundamente o comprometimento com a ideia da liberdade, exercida na sua plenitude, na relação entre o par amoroso encarcerado na mesma prisão, privados da liberdade de se verem, trancafiados em solitárias. Soledad passa a ser vigiada dia e noite para impedi-la de repetir o gesto extremo de Edoardo. Neste meio tempo a rádio Blackout convocava os anarco para uma passeata, que reunia anarquistas e comunistas de Turim. Através de toda a Itália houve manifestações. O comunicado da Federação Anarquista italiana dizia: “Edoardo foi vítima de uma das piores prepotências: foi privado da liberdade e preferiu a morte”. Mas pairava no meio anarquista a tese do assassinato na prisão, havia dúvidas quanto ao suicídio de Edoardo. No domingo, 29, Soledad e Silvano iniciaram a greve de fome. A fome era a forma de resistência possível, contra o sistema carcerário e por sua liberdade, ação que punha em risco suas vidas, em homenagem ao companheiro morto. O funeral em Brosso Canavese, povoado natal de Edoardo atraiu uma multidão de manifestantes de toda parte. Os jornalistas presentes foram rechaçados pelos manifestantes, por sua conivência com as autoridades turinenses.

A repercussão da morte de Edoardo preocupava as autoridades. Romano Prodi, Presidente do Conselho, se dizia muito preocupado com os incidentes de Turim. Afinal, diante de um morto, o advogado Zancan, contratado pela família, conseguiu o relaxamento da prisão preventiva de Soledad. Encaminharam-na, em abril, para a comunidade de Sottoiponti, em Benevaggena, criação de Enrico de Simone, um turinense amigo dos anarquistas e soropositivo. A comunidade funcionava com autogestão e abrigava viciados para reabilitação. No momento em que Soledad chegou à casa, havia apenas uma menina em reabilitação. Depois ficou só com de Simone. A notícia da liberação de Soledad correu pelo meio anarco-*punk* e, logo, a casa encheu-se de visitantes, que vinham prestar solidariedade. Soledad tornara-se uma figura pública, as cartas que escrevia e o que dizia nas discussões da casa tinham repercussão no meio

anarquista e *squatter* e fora dele. Soledad lia muito em seu exílio em Sottoiponti e, sobretudo, refletia muito. Tinha muita clareza a respeito do infundado da acusação e dos motivos políticos que a sustentavam. Tratava de não pensar que a morte de Edoardo tinha sido o preço de sua liberação, mas, acima de tudo, não queria martirizar-se como conduta política. A irmã, Gabriela, vem visitá-la, e as duas discutem a respeito da contratação de um advogado, Ugo Pruzzo, para propor sua extradição para a Argentina. Mas Soledad opõe-se a abandonar seus companheiros e mantém correspondência com Silvano, que procura animá-la. A vida na casa de campo é solitária e Soledad muitas vezes deprime-se com a ausência dos amigos. Porém a peregrinação a Sottoiponti torna-se mais frequente e mais numerosa, até estrangeiros vêm procurá-la. Muitas vezes ela pensou em fugir, mas a casa era vigiada, a fuga teria de ser bem planejada. Então ela procura buscar prazer na vida do campo, cuidar da horta e da criação. A irmã volta para Buenos Aires. Em fins de junho, Silvano mostra-se preocupado com seu isolamento e abatimento. O advogado Novaro percebe seu alheamento e pensa em voltar para conversar com ela sobre sua condição, mas não imaginava que a situação fosse tão dramática para ela, que sofria a perda de Edoardo. Assim, num dia de visita animado ela se retira para seu quarto e escreve em seu caderno, a Agenda Negra, que de Simone lhe havia presenteado na tentativa de recompor sua relação com Soledad. Em 10 de julho, uma sexta-feira, militantes anti-TAV vão visitar a ela e a outros amigos do Asilo. Foi uma visita animada, conversaram e ouviram música. Depois das duas da madrugada, ela declarou que estava muito cansada e que ia deitar-se. Os amigos ficaram embaixo conversando. Ibrahim foi ao banheiro e encontrou a porta aberta. Bateu na porta e esperou que alguém abrisse. Então viu uma sombra que não se movia. Encontrou o corpo de Soledad enforcado nos lençóis. Ela estava de joelhos e deve ter se esforçado para conseguir seu intento, sua morte foi lenta e deliberada. Ela deixou uma nota dizendo que esperou um momento em que estava bem com seus amigos para ir-se, de acordo com o depoimento de Ibrahim. Dizia ainda que não suportava a ausência de Baleno. Os amigos esconderam a carta, para que a polícia não a descobrisse e fizesse uso político dela.

Em Turim ao meio-dia, a rádio Blackout comunicou a morte de Soledad. Os companheiros chegaram a Sottoiponti para a despedida. Luca Bruno pode vê-la. A notícia repercutiu em Turim com um banho de medo, as autoridades temeram a reação dos *okupas*. O mercado de Balon, lugar de reunião dos *okupas*, *punks*, *squatters* e desocupados de todos os tipos, estava cheio e planejava-se uma reação: houve correrias, vidraças quebradas e uma barricada na Piazza Castello. No dia seguinte, os jornais publicavam as refregas dos anarcos com a polícia e noticiavam a morte da “pequena Passionara”. Estava criado o mito, que repercutiu na Argentina dos anos noventa, com componente unânime: Soledad fez-se anarquista por amor. A respeito da morte de Soledad também pairaram dúvidas sobre um possível assassinato. Mas a família acabou por acei-

tar a ideia do suicídio. A morte de Soledad deve ser tratada como um fato privado, mas o conteúdo político de seu suicídio não pode ser descartado. Para um individualista, a privação da liberdade é um fardo insuportável, do qual a morte pode ser uma libertação. A vida urgente de Soledad Rosas não podia esperar o tempo da burocracia do Estado, o resultado do julgamento, cujo desfecho não parecia favorável, e os anos de confinamento numa prisão. A paixão amorosa não podia sofrer a perda do companheiro amado. Ao morrer, Soledad tinha vinte e três anos, sua vida foi breve e intensa. A paixão política ensinou-a a compreender em profundidade o sentido da palavra liberdade. Foi cremada no Cemitério Monumental de Turim, escoltada pela polícia e cercada pelos companheiros. As cinzas foram espalhadas no sítio da família, em Villa Rosa, nas cercanias de Buenos Aires. No epílogo do livro, o narrador recolhe os depoimentos dos personagens desta história sobre o significado da morte de Soledad para o movimento anarco. As opiniões divergem, mas permanece o *pathos* da tragédia individual de Soledad e a memória de sua breve passagem pelo movimento anarco italiano, embora os companheiros não cultivassem a sua imortalização como adolescente, sua morte como martírio. Os depoimentos dos companheiros e da família sobre o suicídio de Soledad e sobre a carta-testamento são contraditórios e produzem na narrativa a caracterização de uma personalidade controvertida, para a qual o narrador não faz questão de dar uma explicação coerente. O livro deixa as questões em suspenso constituindo uma obra aberta à interpretação dos leitores.

Referências bibliográficas

CAPARRÓS, Martín. *Amor y Anarquía: La vida urgente de Soledad Rosas- 1974-1998*. Buenos Aires: Planeta, 2003.